

**UM ESTRANHO AFETO N’O VERMELHO E O NEGRO, DE STENDHAL**  
**A STRANGE AFFECT IN O VERMELHO E O NEGRO, BY STENDHAL**

Suzana Raquel Bisognin Zanon  
 Mestre em Letras  
 Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus  
 Frederico Westphalen RS  
 (su09zannon@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Este artigo apresenta como proposta analítica o estudo do romance do escritor francês, Stendhal, **O Vermelho e o Negro**, obra clássica publicada em 1830. Embasados nos estudos sobre os Afetos, segundo Sigmund Freud e Jacques Lacan, e do fenômeno do Duplo/O Estranho, fruto dos estudos de Otto Rank e Sigmund Freud, analisar-se-á, diante essa perspectiva psicanalítica como se dá a representação dos afetos, na obra em questão e, conseqüentemente, como este elemento desencadeia o comportamento perverso e duplo do protagonista Julien Sorel, personagem que ostenta uma personalidade estranha, capaz de intermediar uma conduta dócil e ao mesmo tempo perversa, desprovida do sentimento de culpa. É sob este ponto de vista que iremos proceder o presente estudo.

**Palavras-chave:** Afetos; Duplo; Julien Sorel; Perversão

**ABSTRACT:** This paper shows how the proposed analytical study of the novel by French writer, Stendhal, *The Red and Black*, the classic work published in 1830. Grounded in the theory of affections, a native of Sigmund Freud and Jacques Lacan, and the phenomenon of double / *The Strange Fruit* of the studies of Otto Rank and Sigmund Freud, analyze it will be before this psychoanalytic perspective as it gives a representation of affect In the work in question and, consequently, as this element triggers the behavior and perverse double of the protagonist Julien Sorel, a character who bears a strange personality, capable of mediating an docile behavior and perverse at the same time, devoid of guilt. It is from this standpoint that we will undertake this study.

**Keywords:** Affect; Double Julien Sorel, Perversion

O horror do desprezo, que eu acreditava poder enfrentar no momento da morte, me faz tomar a palavra. Senhores, não tenho a honra de pertencer à sua classe, vêem em mim um camponês que se revoltou contra a baixaza de sua condição (Julien Sorel).

Difícilmente não pensaríamos em arte quando falamos em literatura. Textos capazes de serem adornados por elementos que nos enveredam a uma leitura mágica, concebida com um olhar incorporado de feições distintas, congregadas entre o imaginário e a arte de recriar contextos, sejam eles históricos ou contemporâneos. Ao contrário, ao falarmos em psicanálise, parece-nos que ela somente pode ser utilizada em prol da compreensão da mente humana e distante de enveredar-se à comunhão com a literatura.

Vertido de fontes como Sigmund Freud e Jacques Lacan, os estudos psicanalíticos compreendem uma amplitude de grandeza considerável no campo da

literatura. Para tanto, essa abrangência não se dá somente ao elevarmos nosso estudo à compreensão das ações e da representatividade dos personagens em determinadas obras, mas em ter em mente que a obra literária nos analisa também; é capaz de abrir nossos olhos a similitudes entre o leitor que analisa o romance e, conseqüentemente, este texto que dá vida a nossa subjetividade, enquanto estudiosos do âmbito literário e também bem como leitores. Neste rol preliminar, Robson Pereira Gonçalves verbaliza seu pensamento a respeito do que até então nos detemos, o alargamento da psicanálise nas entrelinhas do discurso:

A psicanálise não deve ser caracterizada como uma forma de analisar o texto e o autor e, tampouco, de ver a Psicanálise como uma lógica da criação literária. Também não se trata de caracterizar ao saber psicanalítico como uma coisa prévia ao texto literário. Não se trata, então, de fazer uma psicanálise da literatura, mas sim de perceber os procedimentos análogos que tanto literatura e psicanálise utilizam para dimensionarem a relação do sujeito e a linguagem (GONÇALVES, 1997, p. 61).

Sob este ensejo, evidenciamos em nosso estudo os pressupostos psicanalíticos sobre os afetos e o fenômeno do Duplo que resplandecem na obra clássica de Stendhal, **O Vermelho e o Negro**, publicado em 1830.

Enveredando nosso olhar pela obra literária clássica, como no caso do romance em tela, podemos dizer que o escritor francês fomenta o reconhecimento de uma arte clássica e tradicional, que reflete um mundo, através dos personagens singulares, que andam em compasso com o interior do ser humano e de suas relações com ele.

Ao configurar seu estudo sob as obras clássicas e, conseqüentemente, por que lê-las, Ítalo Calvino expressa seu pensamento sobre o desdobramento que o romance clássico adquire na contemporaneidade. Vejamos, pois, as palavras do estudioso:

O dado importante que nenhuma estatística poderá fornecer consiste em quantos jovens serão atingidos por um raio, desde as páginas e se convencerão de repente de que o mais belo romance do mundo só pode ser esse, e reconhecerão o romance que sempre haviam desejado ler e que servirá como termo de comparação para todos os outros que hão de ler depois (CALVINO, 1993, p. 140).

Passando de breves, mas indispensáveis considerações de Calvino, que

o estudioso não pretende realçar ser o romance clássico superior aos dos tempos modernos, mas acentua serem esses romances imortais e que tem seus traços concentrados em qualquer outro texto de cunho literário. São romances que resistem no tempo.

**N'O Vermelho e o Negro** temos um enredo que conduz a uma leitura enraizada no estranhamento, em razão dos afetos que se manifestam de diversas formas no protagonista Julien Sorel, o que configura nosso olhar à centralidade deste estudo: os afetos e o fenômeno do Duplo existente no texto literário de Stendhal, através de Sorel. O romance narra a trajetória de Julien Sorel, jovem ambicioso e filho de um pobre camponês, porém culto e letrado que busca, através de sua ambição, adentrar a alta sociedade francesa. Odiado pelo pai e os irmãos, o protagonista incorpora uma personalidade perversa e estranha, descoberta ao longo de sua trajetória de simples preceptor dos filhos do Senhor e Senhora de Rênal a um burguês pertencente à família dos La Molle.

O que nos chama a atenção é um dos possíveis “pontos chave” – a infância entremeio ao ódio dos irmãos e do pai – o que é capaz de configurar o instinto perverso e ambicioso do personagem Julien. No início da narrativa, podemos ver o que, até então, temos dito a respeito:

Aproximando-se da serraria, Pai Sorel chamou Julien com uma voz forte; ninguém respondeu.[...] Ao entrar, procurou Julien inutilmente no lugar que ele deveria estar ocupado, ao lado da serra. Enxergou-o a cinco pés de altura, montado em uma das vigas do telhado. Ao invés de vigiar atentamente o funcionamento do mecanismo, Julien lia. Nada mais podia ser mais antipático ao velho Sorel; [...] essa leitura lhe era tão odiosa, ele próprio não sabia ler.

[...] a atenção que o jovem prestava ao livro o impedia, muito mais do que o barulho da serra, de ouvir a terrível voz do pai. Este, por fim, apesar da idade, pulou agilmente para cima do tronco submetido à ação da serra e de lá para a viga transversal que sustentava o telhado. Um golpe violento fez voar para o rio o livro que Julien segurava; um segundo golpe, igualmente violento, um tapa recebido na cabeça, o desequilibrava. Ia cair a doze ou quinze pés abaixo, no meio das alavancas da máquina em movimento, que o teriam fraturado, porém o pai o assegurou com a mão esquerda quando ele já despencava.[...]

Embora aturdido pela força da pancada e ensanguentado, Julien retornou a seu posto de serviço, ao lado da serra. Tinha lágrimas nos olhos, menos por causa da dor física do que pela perda do livro que adorava (STENDHAL, 2004, p. 39).

O ódio do velho Sorel pelo filho Julien é apresentado desde o princípio da narrativa através de seu instinto brutal e violento, demonstrado pelos golpes e voz agressiva para com o filho, o que resulta na aversão de Julien ao pai. Afora isso, reside a demonstração de ciúme do pai do protagonista diante a leitura de Julien, ou seja, odiosa pela parte do pai que não sabia ler. Para tanto, torna-se perceptível a repugnância que Julien nutre somada ao destemido instinto, elementos tonificados pela dor da perda do livro e não pelo espancamento gerado pelo pai.

No campo das estruturas psicóticas, ressaltamos que a neurose aliada às psicoses são elementos que se tornam salientes ao longo deste romance de Stendhal. Dada a subjacência dos elementos afetivos no texto, destacamos, pois, que nos manuscritos do psicanalista Jacques Lacan, no **Seminário X: a angústia** (2005), o estudioso dá seguimentos aos estudos freudianos sobre o fenômeno do afeto, ressaltando ser a angústia o elemento embrionário de que faz brotar os afetos no ser humano. Embora possamos perceber através das reações e comportamentos dos indivíduos a demonstração do afeto, ressaltamos que a compreensão e o “deciframento” de tal fenômeno são imbuídos de uma vasta amplitude, o que dificulta o entendimento enquanto origem/causa.

O estudioso Imbrasciati (1998) nos fala, conquanto, da designação do que chamamos de afeto. Para ele, mesmo que sejam sentimentos que vivenciamos em circunstâncias diversas em estado subjetivo, o afeto pode ser mais facilmente compreendido e notado pelo outro, que sofre a interferência deste afeto, do que por nós mesmos, tendo em vista que os sentimentos, por vezes, não são perceptíveis de imediato, por quem o vivencia.

O ciúme sentido pelos irmãos de Julien pode ser elucidado pela rivalidade e pela inveja da mudança de vida do protagonista (para melhor posição, mesmo que, como preceptor), mudança que a eles talvez pudesse ser impossível. A agressividade e o espancamento do irmão podem ser configurados como uma produção sintomática do ciúme doentio pelo irmão. Vejamos:

O ciúme daqueles trabalhadores grosseiros exacerbou-se de tal forma por causa do bonito temo preto, do ar extremamente asseado do irmão, e do desprezo sincero que tinha por eles, que o espancaram a ponto de deixá-lo sem sentido e ensanguentado (STENDHAL, 2004, p. 55).

Aliado ao ciúme, a inveja dos irmãos, reveladas pela brutalidade e o espancamento do irmão, o ódio e a cólera, oriundos desta agressividade, podem ser trazidos, neste momento, à baila, pois o comportamento odioso e perverso de Julien, como veremos depois, é constante no romance. Marcus André Vieira (2001) salienta em seus estudos a natureza que teríamos um Outro<sup>1</sup> entre nós, e a presença deste Outro nos incomoda, pois tendemos a não aceitarmos fusões e o ódio, em si, busca resistir a este condicionamento entre “eu” e este “Outro” impregnado em nós, fator que direciona a uma dimensão destrutiva (o ódio). Ainda, Vieira verbaliza: “só pode haver Um”. Esta fórmula se escreve seguindo os meandros das paixões humanas, cristalizadas na língua. “Só pode haver Um e, portanto, a raiz da agressividade, do ciúme, da inveja, e também da raiva e da cólera (VIEIRA, 2001, p. 188)”.

Lacan salienta ser a cólera como um afeto que emerge de uma situação inesperada, que causa o desgosto e uma decepção profunda. Com isso, o psicanalista atribui este afeto como se um “choque” violento de expectativa, a uma falha decorrente do que espero do Outro – o mundo que nos cerca e que pressupõe o símbolo de ordenação neste mundo – e que não se torna realizável, conforme imaginado. Comentando sobre a origem da cólera, Vieira ressalta a sua designação, segundo o psicanalista francês, dizendo que ela

Advém apenas quando não se consegue atribuir à falha uma razão que a inclua, mesmo como exceção à regra, no funcionamento da máquina. Neste sentido, quanto mais estivermos firmemente plantados no encadeamento das razões, maior será a possibilidade de que algo inexplicável esteja em ruptura com o universo e mais estaremos sujeitos à cólera (VIEIRA, 2001, p. 188).

A cólera do protagonista se excede aos poucos no romance, visto que, sua aparência singular é o que sobrepuja em sua estranheza, aparência esbelta e serena, que pôde esconder o que nos é possível de chamar de uma outra face, orientada pela mente de Julien.

Os grandes olhos negros, que nos momentos tranquilos mostravam reflexão e ardor, naquele instante se animavam pela expressão de ódio mais feroz. Os cabelos castanho escuros, de raízes bem baixas,

---

<sup>1</sup> O campo do Outro (grande outro) repousa em solo simbólico, possuindo uma independência própria na tangente inconsciente. Considerando isso, o Outro representa o campo da cultura, da linguagem, do mito e da arte, sendo o meu discurso exaurido manifesto por este Outro, esse que se esconde no nosso inconsciente.

diminuíam-lhe a frente e davam-lhe, nos momentos de cólera, um ar de maldade. Entre as inúmeras variedades da fisionomia humana, talvez nenhuma outra se sobressaia por uma singularidade tão surpreendente. O porte esbelto e bem feito indicava mais agilidade do que vigor. Desde pequeno, seu ar extremamente pensativo e sua marcante palidez davam a seu pai a ideia de que ele não viveria, ou então viveria sendo um peso para a família. Alvo do desprezo de todos na casa, odiava os irmãos e o pai; nas brincadeiras de domingo, na praça pública, era sempre vencido (STENDHAL, 2004, p. 40).

Com isso, pode-se perceber que a face do protagonista ao ser transformada de serena a devassa, permite desnudar a dupla personalidade de Julien, personalidade moldada pela triste infância que tivera como alvo de desprezo e gozação em virtude de sua aparência frágil e desprezível aos irmãos e ao pai.

Os sonhos que Julien tivera desde a sua infância podem desvelar os seus desejos. N' **A interpretação dos sonhos** (1900) Freud passa a investigar a mente humana através dos sonhos, sendo eles, das mais diversas facetas, capazes de revelarem desejos reprimidos que se articulam nas imagens e no conteúdo manifesto no sonho. Aliado a este contexto, enalteçemos que, desde a infância, Julien sonhava com Napoleão Bonaparte, pobre como ele, mas que alcançou o apogeu do poder. Observemos na seguinte citação:

Desde sua primeira infância tivera momentos de exaltação. Sonhava então, deliciado, que um dia seria apresentado às lindas mulheres de Paris, que saberia atrair-lhe a atenção através de alguma ação brilhante. Por que não seria amado por uma delas, como Bonaparte, ainda pobre, fora amado pela brilhante Mme de Beauharnais? Há muitos anos, Julien não passava talvez uma hora da sua vida sem dizer a si mesmo que Bonaparte, tenente obscuro e sem fortuna, se tornara dono do mundo com sua espada (STENDHAL, 2004, p. 45).

Ao eleger Bonaparte como homem digna de idolatria, Julien permite demonstrar que incorporar a si mesmo esta imagem em sua trajetória. Guardando retratos e buscando seguir a mesma personalidade de Bonaparte, a estranheza do jovem Sorel passa a tomar parte de todo seu percurso enquanto jovem e indivíduo bem sucedido.

Em razão das repentinas mudanças de personalidade de Julien e do seu terror que o amedrontava pode ser incorporado ao instinto de psicopata, permitindo ser considerado, diante aos olhares psicanalíticos como a existência do fenômeno

do Duplo, nos estudos de Otto Rank (1914) e que, posteriormente, passa a ser proferido nas investigações de Freud (1919), articulado como *O estranho*.

Nesta abordagem, o analista húngaro nos apresenta suas observações, para chegar a sua proposição a respeito d' *O estranho*, através do exame do uso linguístico – fator que contribuiu para a compreensão do fenômeno aludido – através de três palavras (em língua alemã) antagônicas em seu sentido: *unheimlich*, *heimlich* e *heimisch*. Compreendida por seu significado de “não familiar”, a palavra *unheimlich* contrapõe-se às últimas duas, designadas como “doméstico” e “nativo”, respectivamente. O que Freud nos quer dizer, conquanto, é que temos a tendência a nos assustarmos com o desconhecido, o que se é estranho, a primeira vista e, ao contrário, propensos a não nos espantarmos com aquilo que se apresenta como familiar e normal em nosso cotidiano. Entretanto, nem tudo o que é objeto/causa de “desfamiliarização” é atribuído com sentimento de susto ou pavor, pois, para isso, necessita de algo que desperte a estranheza, segredo e o mistério. O analista, então, propõe ser o termo *Das unheimlich* fruto do que se esconde e que se revela e, por isso, é causa deste estranhamento.

Para Freud, o fenômeno do Duplo aparece em todas as formas e em todos os graus de desenvolvimento. Segundo ele,

[...] temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens — pelo que chamaríamos telepatia —, de modo que um possui conhecimento, sentimento e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho (FREUD, s/d, p. 16).

É esta estranheza proferida por Freud que surge na vida de Julien, personagem que busca o seu “eu” na figura de Bonaparte. “Inflamado” pela perversão, nem o próprio protagonista compreende a obscuridade do terror nele entranhado. Como nos mostra o texto: “Julien tinha vergonha de seu terror secreto (STENDHAL, 2004, p. 47)”. Sob o viés deste recorte, ao traçar referências sobre o herói stendhaliano, Ítalo Calvino evidencia a presença da busca da identificação existencial. O estudioso italiano, assim, nos diz:

Acontece que o herói stendhaliano é caracterizado por uma linearidade de caráter, por uma continuidade da vontade, por uma continuidade da vontade, por uma compacidade do eu ao viver os próprios conflitos internos que parece do eu ao viver os conflitos internos que parece levar-nos justamente ao extremo oposto de uma noção de uma realidade existencial que tratei de definir como puntiforme, descontínua, fragmentária (CALVINO, 1993, p. 132).

A oscilação de comportamento e personalidade é o que pode realçar as faces de Julien, fato que abre margens ao que Freud designou de Estranho. Ao chegar na casa da família nobre dos Rênal, o jovem preceptor atraiu o estima do Senhor de Rênal e, principalmente, da Senhora de Rênal, o que desencadeia, posteriormente, no efêmero caso amoroso entre os dois. Dotado de bons modos, gentileza, educação e obediência Julien aquieta, em seu interior, o repúdio que sente da alta sociedade, da qual, agora, faz parte, mesmo que, como mentor das crianças da família: “Quanto a ele, só sentia horror à alta sociedade em que fora admitido, na verdade, na ponta de baixo da mesa, o que explica, talvez seu ódio e horror (STENDHAL, 2004, p. 55)”.

Através do fragmento “na ponta debaixo da mesa”, como aludido na presente passagem, o texto é apto a cristalizar certo tipo de rebaixamento sentido por Julien. Seria como o “começar a vida de baixo” lhe fosse o maior objeto de repugnância diante a alta burguesia, contrária a sua vida de origem humilde como filho de um camponês. A ânsia pela fortuna era o que impulsionava a trajetória de vida do protagonista. Segundo as palavras do preceptor: “Esse ardor secreto de que me fala é meu projeto de fazer fortuna (STENDHAL, 2004, p. 65)”.

A intensidade com que se altera o comportamento de Julien pode ser identificada em várias instâncias. Ressaltamos, neste rol contextual, o sentimento de prazer, terrível na mente do personagem, e, ao mesmo momento, a vergonha de amar a Senhora de Rênal, fator que contribui a dimensão estranha a ele enveredada: “Quem diria que eu sentiria prazer em derrubar lágrimas? Que eu amaria quem me prova ser um tolo? (STENDHAL, 2004, p. 65)”.

Nota-se, através disso, uma natureza moldada pela insistência em não revelar que era um homem que amava, mas sim, que assombrava-se mesmo com um comportamento inesperado, ou seja, de sentir prazer ao chorar, o que sublinha sensibilidade mascarada pela índole ávida.



Por outro lado, pode-se notar a timidez que repousa em Julien. Ao encontrar-se pela primeira vez com a Senhora de Rênal, Julien, mesmo que tentando manter seu orgulho, demonstra o amor somado à timidez ao segurar intensamente a mão da amada: “Embora ele mesmo estivesse muito emocionado, admirou-se da frieza glacial da mão que segurava; apertava-a com uma força convulsiva; houve um último esforço, para retirá-la, mas, finalmente a mão acabou por ficar (STENDHAL, 2004, p. 72)”.

Ainda, neste ensejo romântico, Julien admite o amor que sente pela mãe de seus alunos: “Disse a si mesmo com um tom superficial, ao descer para o salão: tenho que declarar a essa mulher que a amo (STENDHAL, 2004, p. 73)”. A mudança de comportamento se altera repentinamente. Se antes Julien, mesmo que tentando esconder, admitia o amor pela Senhora de Rênal, em seguida, passa a demonstrar repulsa e ódio pela mulher que ama. No passeio em que Madame Rênal se apóia no ombro de Julien e o Senhor de Rênal encontra-se presente, o protagonista muda, de maneira brusca, seu comportamento, em virtude da presença odiosa do burguês, recaindo, o ódio, na própria amada: “Percebeu que a Senhora de Rênal se apoiava em seu braço de maneira acentuada; tal movimento lhe deu horror; repeliu-a com violência, soltando seu braço (STENDHAL, 2004, p. 74)”.

A indiferença em relação a sua amante vai aumentando, fator que ampara a designação enquanto personagem de personalidade dupla e estranha, o que pode ser simbolizado através de suas atitudes: “Não viu na senhora de Rênal mais do que uma mulher rica, deixou cair da sua mão com desdém e afastou-se. Foi passear, pensativo, no jardim, em breve um sorriso amargo lhe apareceu nos lábios (STENDHAL, 2004, p. 77)”.

Salientamos as palavras de J.D. Nasio sobre os estudos de Freud, quando fala que a psicopatia é aliada ao fenômeno do Duplo, o Estranho.

Quando Freud fala da clivagem do “eu” no caso do fetichista, utiliza uma referência de que fizera uso para o psicótico e o neurótico. Do psicótico, ele dissera: é um sujeito dividido; dividido entre quê e quê? Entre o fato que um dia está normal e no dia seguinte, louco (NASIO, 2007, p. 72).

Tendo em vista estas palavras, os súbitos e angustiantes comportamentos e demonstrações de afeto do jovem Sorel se aliam à verbalização do teórico, Nasio.

De fato, ele também pode agregar traços psicóticos, pois se divide entre o amor, que busca repelir, e a intensidade de sua ambição nutrida excessivamente no romance. Observemos, pois, como as atitudes do protagonista são inesperadas e nem por ele percebidas. Por momentos admite que a ama, outrora tende a odiá-la.

Nos momentos em que esquecia a ambição Julien admirava com entusiasmo até os chapéus, até os vestidos da senhora de Rênal. Não podia saciar-se do prazer de sentir seu perfume. Abria seu armário de espelho e ficava horas inteiras admirando a beleza e arrumação de tudo o que ali encontrava. Sua amiga, apoiada nele, olhava; ele olhava aquelas jóias, aquelas sedas que, na véspera de um casamento enchem uma festa nupcial (STENDHAL, 2004, p. 104).

Lacan, quando fala em neurose e suas fantasias, logo indica que ela é encoberta pela perversão, elemento este identificado na personalidade do Jovem Sorel. Sob este ponto de vista, Lacan nos diz, ainda, que “a fantasia do neurótico está inteiramente no lugar do Outro. É o apoio do neurótico nessa fantasia que, quando deparamos com ela, apresenta-se como perversão (LACAN, 2005, p. 60)”.

A perversão no protagonista é enaltecida pela cobiça desmedida, a qual tem início a partir da chegada à casa dos Rênal. Tudo era objeto de interesse de Julien. Todavia, o relacionamento clandestino com a senhora de Rênal, faz com que seu caráter e sentimentos oscilem cada vez mais.

Julien não pensava mais em sua negra ambição nem em seus projetos tão difíceis de executar. Pela primeira vez na vida era arrastado pelo poder da beleza, perdido em um devaneio vago e suave, tão estranho à sua índole, apertando delicadamente aquela mão que lhe agradava por ser tão linda e tão perfeita, escutava algum movimento das folhas da tília agitadas pelo vento leve da noite, e os cães do moinho de Doubs que ladravam de longe (STENDHAL, 2004, p. 83).

Repleto de sentimento de amor, Julien contesta a si mesmo sobre quem é na medida em que percebe o seu afeto à senhora de Renal. Para Vieira, “O amor tanto é filho da ambiguidade quanto de sua metaforização, simbolização encarnada na possibilidade de inversão assimétrica do par amoroso, de se reconhecer no outro mesmo sabendo diferente (VIEIRA, 2001, p. 185)”. No entanto, é a partir dessa ambiguidade relativa ao sentimento de amor, que o imaginário de Julien sustenta seu amor, porém, a impossibilidade da continuidade desse amor é exteriorizada pela

ganância, capaz de encobrir os sentimentos de amor: “Seu amor era ainda ambição; era a alegria de possuir, ele, pobre criatura infeliz e tão desprezada, ela, uma mulher tão nobre e tão bela (STENDHAL, 2004, p. 104)”.

Outro aspecto importante a ser abordado é o fato de a Senhora de Rênal ser de idade mais avançada e o fato de Julien sempre referir-se a ela como “amiga”. Ambos os elementos sugerem a proteção acrescida à singela intimidade presente no termo “amiga”.

A falta da mãe pode ser suprida no relacionamento com a senhora de Rênal. Ao mesmo tempo em que Julien sente a proteção de uma mulher mais velha somada à amizade, o universo familiar, no imaginário do protagonista, é capaz de ser trazido neste contexto de falta, carência. Em linhas gerais, ao destacarmos que Julien foi criado sem a mãe, que pressupõe essa proteção, o amparo materno pode ser desfrutado ao lado da amada. Vejamos, pois: “A senhora de Rênal foi para mim uma espécie de mãe (STENDHAL, 2004, p. 441)”.

Ao compatibilizarmos a neurose presente no comportamento do herói stendhaliano juntamente a dificuldade de controlar seu ódio, destacamos as palavras de Nasio quando diz que “o neurótico tem dificuldade de se engajar na fala e estabelecer seus atos (STENDHAL, 2004, p. 76)”. É isto que Julien, enquanto neurótico, encobre seu instinto perverso pelo descontrole ao acreditar não poder mais seguir seus passos por ele mesmo, na incerteza do que é e do que faz, mostrando o seu desequilíbrio: “Sou louco, vou arruinar-me, devo seguir os conselhos de um amigo e não acreditar em mim mesmo (STENDHAL, 2004, p. 369)”.

O ódio não brota apenas pela parte de Julien à sociedade burguesa e hipócrita, mas se faz presente naqueles que sentem repulsa ao protagonista. Ao ser enviado ao seminário de Besançon e ter de ficar longe da senhora de Rênal devido a uma carta anônima enviado ao marido traído, Julien acaba sofrendo pelo terror que desperta em seus colegas de seminário: “Vejam esse burguês, vejam este desdenhoso, diziam que finge desprezar a melhor ração, salsichas com chucrute! Fora! Vilão, orgulhoso, danado! (STENDHAL, 2004, p. 183)”.

Partindo para Paris, Julien passa a trabalhar, por indicação, ao Senhor de La Molle, pai da bela Mathilde, pela qual se apaixona. Desprezado e seduzido duas

vezes por ela, Julien ainda nutre o seu orgulho e sua ambição, passando a mostrar frieza e indiferença a bela jovem, o que, de tal forma, lhe dá prazer e faz com que, se desprezado antes, aos poucos adquira a paixão da filha de La Molle, os afetos se invertem:

Não, ou estou louco ou ela me faz a corte. Quanto mais me mostro frio e respeitoso com ela, mais me procura. Isso poderia ser uma parcialidade, uma afetação; mas vejo seus olhos quando apareço de improviso. Saberão as mulheres de Paris fingir até tal ponto? Que me importa! Tenho a aparência a meu favor, usufruamos das aparências. Como ela é bela meu Deus! Como os seus grandes olhos azuis me agradam, vistos de perto e olhando-me como fazes muitas vezes! Que diferença entre essa primavera e a do ano passado, quando eu vivia infeliz e me sustentando graças a minha força de vontade no meio daqueles trezentos hipócritas maus e sórdidos! Eu era quase tão mau quanto eles (STENDHAL, 2004, p. 291).

Muito embora a paixão por Mathilde, que lhe dera um filho, permanece até o epílogo do romance, o ódio pela senhora de Rênal o deixara “cego”. A antiga amante escreve uma carta à família de La Mole descrevendo Julien como usurpador, fato que lhe gera empecilhos no caminho em busca da riqueza, através da ambição demasiada. Julien tenta matar Senhora de Rênal, através de um tiro de revólver, o que o leva ao julgamento e posteriormente à guilhotina.

O vértice do desdobramento de caráter do personagem se dá neste momento do romance, quando intenta matar a mulher que amara, antes de Mathilde, e que pôde alcançar a projeção de uma mãe para ele. O ódio pela Senhora de Rênal alcançou uma progressão no comportamento perverso e cruel, o que resulta no remorso e na culpa que lhe tomam conta, permitindo que a sua ambição desmedida se esvaia: “A ambição estava morta em seu coração, uma outra paixão emergia dessas cinzas, e ele a chamava de remorso de haver assassinado a senhora de Rênal (STENDHAL, 2004, p. 431)”.

Sentenciado à morte, às vésperas de ser guilhotinado, Julien revela ser a ambição sua paixão, como algo entranhado em sua mente e em seu comportamento movido pela cobiça em adentrar num universo de riquezas e de prestígio, avesso ao seu de origem. A morte, para ele, seria apenas uma passagem, para a qual ainda se poderia ter sentimentos.

\_ Quem sabe? Talvez ainda tenhamos sensações após nossa morte, dizia ele um dia a Fouqué. Gostaria bastante de repousar, pois repousar é a palavra, nessa pequena gruta de grande montanha que domina Verrières. Por diversas vezes lhe contei, retirado à noite nessa gruta, mergulhando o olhar ao longe, sobre as mais ricas províncias da França, a ambição inflamou-me a alma; essa era então minha paixão (STENDHAL, 2004, p. 462).

Extraímos, desta passagem, duas palavras reversas capazes de designar o caminho e a conduta do protagonista: “repousar” e “inflamar”. Ao verbalizar o desejo em repousar, Julien nos mostra seu cansaço; um esgotamento de seu espírito em ter toda vida concentrada na busca, na satisfação do desejo por um lugar de louvor e prestígio na grande sociedade. Muito embora desejasse esse descanso, já era tarde; a “doença” da ambição excessiva havia se tornado o grande prazer em sua vida, o que lhe levou ao caminho da desgraça, como nos mostrou o romance.

Assim sendo, o romance clássico stendhaliano resiste no tempo e no espaço, nos cristalizando, através de Julien, afetos estranhos, em extremo, à nossa leitura, muito embora saibamos que somos seres humanos feitos para ter sentimentos, amar, odiar e desejar. A duplicidade de caráter do protagonista foi elevado a tão alto patamar que o orgulho, sugerido pelo próprio título, **O Vermelho e o Negro** nos sugere a seguinte interpretação: Vermelho, em virtude da roupa usada por Julien, o que lhe fazia sentir orgulho em fazer parte de uma realidade em ascendência e, por outro lado, o negro, o que pressupõe a negra e assustadora personalidade dupla e perversa.

Stendhal nos mostrou, através desta narrativa, que os próprios afetos são estranhos e difíceis de serem decifrados. De fato, sob a ótica psicanalítica, tornou-se possível adentrar em um labirinto guiado por um clássico da literatura, o qual foi capaz de nos revelar a estranheza dos afetos na natureza humana.

## Referências

CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

FREUD, S. **O estranho**. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, s.d, Vol.XVII.

GONÇALVES, R. P. **Percursos do aprendiz: Literatura & psicanálise**. Santa Maria: UFSM, Centro de artes e letras, Curso de mestrado em letras, 1997.

IMBRASCIATI, A. **Afeto e representação**: para uma análise dos processos cognitivos. São Paulo: Ed. 34, 1998.

LACAN, J. **O Seminário X**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

NASIO, J-D. **A fantasia**: O prazer de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2007.

STENDHAL. **O Vermelho e o Negro**. Martin Claret Ed., 2004.

VIEIRA, M. A. **A Ética da paixão**: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.